

Bruno Santos/Folhapress

**A síria
Rabia
Kafozi**



Novas imigrações

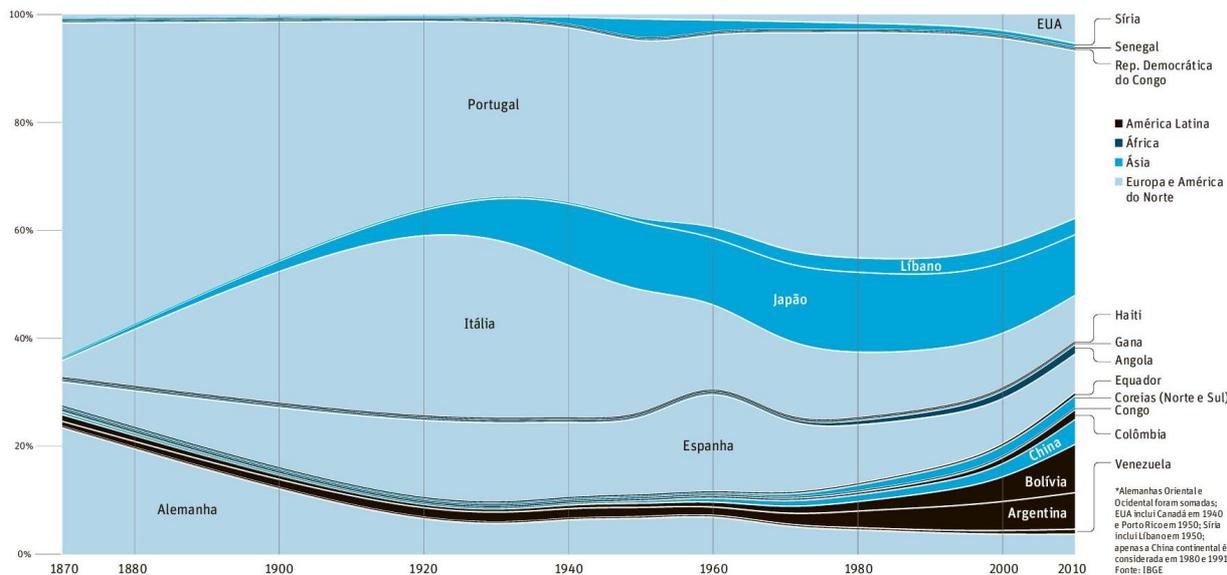
Atlas inédito mapeia
fluxos populacionais,
que estão no auge,
para o Brasil **Mundo A17**

IMIGRAÇÃO
Atlas inédito
mapeia fluxos
para o Brasil

Págs. A17 a A20 ▶

ONDAS DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Fatia dos europeus vem sendo ocupada por latinos e asiáticos nas últimas décadas*



Novas imigrações

Atlas inédito mapeia mudança de fluxos para o país

258 milhões de pessoas mudaram de país no ano passado, fluxo 50% acima do registrado no começo do século e crescente, segundo especialistas em imigração. No Brasil, vivem hoje cerca de 750 mil estrangeiros. É um número modesto para padrões globais, mas movimentos concentrados, como a entrada de mais de 70 mil haitianos de 2010 a 2015 ou 40 mil venezuelanos neste ano, acentuam seu impacto.

País que recebeu ondas importantes de imigração nos séculos 19 e 20, o Brasil vive hoje uma realidade diferente. Ainda é polo de atração e passagem, principalmente para latino-americanos e refugiados —parcela expressiva deles com alta qualificação—, devido a uma nova lei, que facilita a regularização dos estrangeiros. Mas falta uma política que integre de fato os imigrantes à economia e à sociedade.

E, segundo especialistas, faltam dados que embasem e orientem essa política. Parte da lacuna está sendo preenchida com o lançamento, nesta sexta (6), do "Atlas Temático", levantamento produzido pela Unicamp e financiado pela Fapesp que revela as tendências nas imigrações para o Brasil neste novo milênio, em que os fluxos populacionais estão em seu auge. A Folha retrata aqui algumas delas.

REPORTAGEM Ana Estela de Sousa Pinto, Érica Fraga, Júlia Barbon, Marcelo Toledo, Patrícia Campos Mello FOTOGRAFIA Bruno Santos VÍDEO Avener Prado, Danilo Verpa, Marina Garcia (edição) INFOGRAFIA Gustavo Queiroz DESIGN Adriana Caccese de Mattos WEB DESIGN Lucas Gollino

1 NOVAS ORIGENS

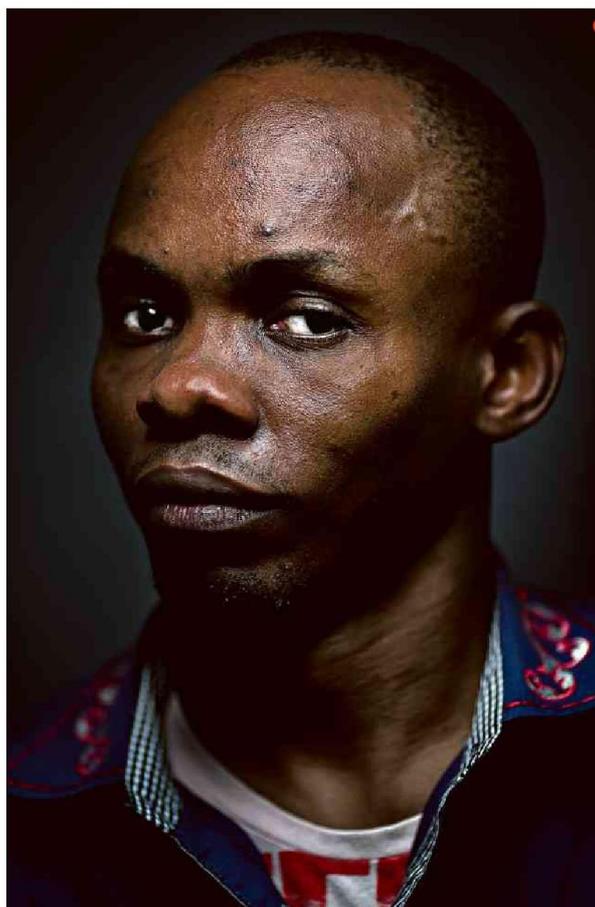
Mudanças no fluxo de pessoas em todo o mundo diversificaram o perfil dos estrangeiros que vêm tentar nova vida no Brasil

ORIGEM DOS IMIGRANTES SE DIVERSIFICOU NESTE SÉCULO...



...MAS BRASIL NÃO APENAS RECEBE

Há mais brasileiros no exterior do que estrangeiros no Brasil, e o país também serve de passagem: grande parte dos haitianos que vêm, por exemplo, depois se mudam para países como o Chile



JEAN KATUMBA MULONDAYI

39, é engenheiro civil. No Congo foi preso e torturado durante três meses. Chegou ao Brasil em 22 de julho de 2015 e preside a África do Coração, federação de imigrantes

Ninguém nasce refugiado; a gente se torna refugiado para salvar nossa vida. Mas, como em um jogo de futebol, não podemos ficar só no lugar da torcida. Temos que entrar em campo e tratar de marcar gols. Queremos mostrar que somos capazes, trouxemos nossa bagagem e não queremos tirar o lugar dos outros. Podemos levantar o Brasil junto com os brasileiros.



Confrontos no CONGO (antigo Zaire) já deixaram cerca de 6 milhões de mortos, no mais letal conflito desde a Segunda Guerra Mundial

“ Há neste século uma imigração sem raízes, muito diferente da passada, que põe em xeque a ideia de que o Brasil recebe bem os imigrantes

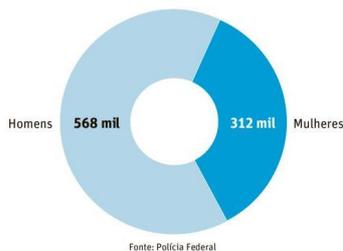
ROSANA BAENINGER
 Professora de demografia da Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora do Núcleo de Estudos de População e coordenadora do Observatório das Migrações em São Paulo

Novas imigrações

2 NOVAS MULHERES

Enquanto no passado homens emigravam primeiro e traziam a família depois, hoje cada vez mais mulheres mudam sozinhas de país

MULHERES REPRESENTAM 35% DOS ESTRANGEIROS QUE IMIGRARAM PARA O BRASIL ENTRE 2000 E 2015



DE ONDE VIERAM

Bolívia e China são as principais nacionalidades das que vieram entre 2000 e 2016 e moram no estado de SP

Bolívia 43.443	Outros 16.820							
	China 12.119							
Peru 7.773	EUA 7.246	Argentina 7.240	Colômbia 7.061					
Haiti 6.380	Paraguai 5.045	França 4.690	Japão 4.650	Portugal 4.395				
Alemanha 4.208	México 3.723	Coreia do Sul 3.721	Espanha 3.553	Chile 2.759	Itália 2.343			
Angola 2.165	Cuba 2.018	Venezuela 1.923	Equador 1.415	Inglaterra 1.188	Filipinas 1.173	Líbano 1.104	Índia 1.023	Uruguai 1.003

MARCELINA FERNANDES NDOMBELE

32, angolana, chegou ao Brasil grávida, com o marido, em 13 de dezembro de 2017, fugindo de ameaças de morte; deixou uma filha de 8 anos com os avós

Vamos para cá porque um general queria matar meu marido. Nem pensei em nada, só queria fugir. Grávida, a comida não fazia bem, vomitava. No dia em que Vitória nasceu, estava a chorar muito. Porque não tínhamos nada, Francisco [o marido] não tinha trabalho. Chorar, chorar... Não vai resolver nada. Parei de chorar, Francisco está há duas semanas a trabalhar numa lavanderia, mas não temos dinheiro para mandar a Angola. Quando penso nisso nem tenho apetite. Não gosto de pensar no futuro, quando penso nessa coisa meu coração fica ruim. Agora não temos nada.



Novas leis ampliaram direitos das mulheres no **MARROCOS**, mas pesquisas indicam que 2/3 delas já sofreram violência física ou psicológica

O QUE ELAS FAZEM

Decoração e estudo estão entre as 20 principais ocupações das imigrantes que moram no estado de SP (2016)

Decoradora 34.844	Estudante 34.539								
Prendas domésticas 16.447	Vendedora 6.492	Diretora, gerente ou proprietária 3.807							
Médica 3.629	Professora 3.456	Sacerdote 3.203	Economista 1.726	Arquiteta 1.537					
Porteira 1.209	Cozinheira 1.146	Profissional liberal 902	Bolista 893	Barbeira 854	Empregada de escritório 793	Enfermeira 659	Programadora 591	Psicóloga 547	Administradora ou executiva 509

*Não considera as sem ocupação
Fonte: Observatório das Migrações em São Paulo 2015/Unicamp



BOUCHRA RACHIDI

39, tinha uma microempresa no Marrocos, país que deixou por risco de segurança pessoal; sua única filha ficou com os avós

Liberdade é a melhor coisa do Brasil. No Marrocos, para as mulheres, a situação é muito diferente e difícil. Deixei toda minha família e vim

sozinha, para mudar de vida. Claro que sinto saudades, mas a viagem é isso. Depois que tomei a decisão, não posso ficar presa em remorsos. Minha prioridade agora é aprender português para trabalhar e me estabilizar. Só o bom [Deus] sabe o que será de mim daqui a 3 ou 10 anos, mas tenho um bom pressentimento sobre o futuro.

“ Há muitos casos de mulheres que deixaram os filhos para trás, e isso é um obstáculo imenso para que se integrem. Sempre falta um pedaço. Essa mulher pode falar a língua, conseguir um emprego, mas ela jamais está inteira enquanto não restabelecer o vínculo da maternidade. E muitas, porque precisam mandar dinheiro para seus filhos, ficam expostas à prostituição. Falta política, faltam recursos, e a mulher, por ser invisível nesse processo, por não ser enxergada, tende a sofrer mais

“ Imigrantes mulheres são mais vulneráveis à exploração, e muitas foram realmente exploradas até chegar aqui. As imigrantes sudanesas, nigerianas, congolezas, em geral foram vítimas de perseguições políticas, étnicas, em seus países. Chegam muito machucadas do ponto de vista moral e algumas do ponto de vista físico. Em geral vêm sozinhas, ou com os filhos, sem o marido —que foi morto ou não conseguiu sair. São as histórias mais trágicas possíveis, e requerem mais tempo e recursos humanos e psicológicos

GABRIELA CUNHA FERRAZ ex-coordenadora do Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos das Mulheres no Brasil e idealizadora do projeto Vidas Refugiadas (vidasrefugiadas.com.br)

FLORIANO PESARO então secretário de Desenvolvimento Social do estado de São Paulo

Foto: Bruno Santos/Folhapress

Dos **65 milhões** de pessoas em deslocamento no mundo

52% são mulheres

Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2017

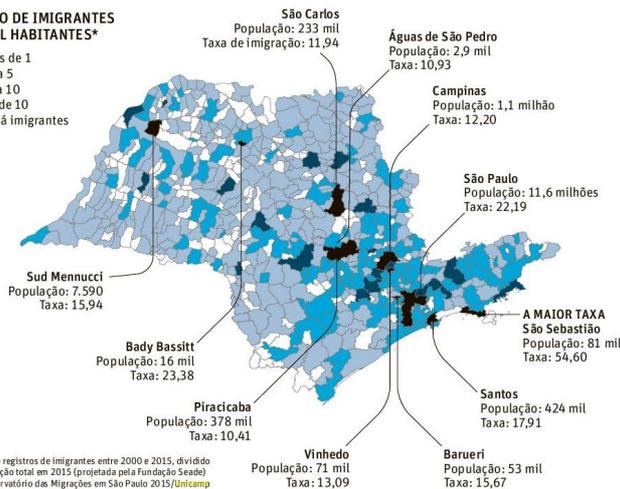
Desgastada por longa guerra civil (1975-2002), **ANGOLA** registra denúncias de violação dos direitos humanos e perseguição política

ONDE OS ESTRANGEIROS ESTÃO

Cidades do litoral e do interior de SP têm taxas de imigração próximas e até maiores que a da capital

NÚMERO DE IMIGRANTES POR MIL HABITANTES*

- Menos de 1
- 1,01 a 5
- 5,01 a 10
- Mais de 10
- Não há imigrantes



3 NOVA INTERIORIZAÇÃO

Leis facilitaram documentos de trabalho e permitiram a imigrantes se libertarem de atividade clandestina na capital

No interior paulista, surgem polos de atração

ENVIADO ESPECIAL A Bady Bassitt (SP)

A pequena cidade interiorana surgiu inicialmente como local de turismo para o boliviano Juan Carlos Lujan Quiñonez, 29. Natural de La Paz, sempre ouvia familiares elogiando Bady Bassitt, com 16.843 habitantes, vizinha a São José do Rio Preto.

De tanto visitar a cidade, resolveu mudar de país e se aventurar no setor de confecções, atividade que exerce há nove anos. Como Quiñonez, ao menos outros 365 bolivianos vivem em Bady Bassitt, segundo a Polícia Federal. Mas, para o boliviano, o total é muito maior. "Já somos pelo menos mil pessoas, certamente", disse ele à **Folha**, na escola municipal em que seu filho mais velho, John, 9, estuda.

Líder comunitário, ele organiza eventos como jogos de futebol para bolivianos e reuniões na igreja. Casado com uma boliviana, tem uma filha de dois anos

nascida no Brasil e uma renda mensal entre R\$ 4.000 e R\$ 5.000 obtida na fabricação de roupas femininas.

Mas nem tudo foi perfeito na inserção boliviana no interior paulista. Dos 365 registrados, 117 chegaram em 2012 à cidade, ano em que a PF flagrou condições de trabalho consideradas desumanas.

Sem registro em carteira, eles trabalhavam até 14 horas por dia e recebiam menos que um salário mínimo. "A gente percebe que, depois dessa operação, para cada 10 que foram embora, chegaram 20. Antes eles vinham direto de La Paz e eram despejados aqui, mas agora têm raízes", afirmou o prefeito de Bady Bassitt, Luiz Tobardini (PPS).

Na cidade, a segunda do estado com maior presença relativa de imigrantes (veja mapa acima), é fácil encontrar bolivianos inseridos no cotidiano, seja em frente às escolas, nos postos de saúde ou nos supermercados. (MT)



Retrato detalhado da imigração deste século para o Brasil e SP, o **"Atlas Temático"** será lançado nesta sexta (6) em evento na Fapesp, entidade que financiou o projeto; além de documentar as tendências retratadas nestas páginas, o atlas detalha, cidade por cidade, o panorama paulista

F Veja mapas interativos e vídeos folha.com/c4ezhlf6

“ Quem deixa seu país tem disposição à mobilidade, a encontrar brechas no trabalho. O peso da imigração na construção da cidade de São Paulo e do interior do estado é extraordinário

BORIS FAUSTO historiador e autor de "História do Brasil" e "Imigração e Política em São Paulo", entre outros

“ A imigração fortalece a economia do interior, mas ainda há muito despreparo nas políticas de hospitalidade, direitos humanos e combate à xenofobia nessas cidades

ROSANA BAENINGER coordenadora do Observatório das Migrações em SP, da Unicamp

4 NOVA CHANCE

Nas escolas brasileiras, filhos de imigrantes viram ponte entre os países e a língua e cultura do novo país



EMILIA LUWAWU

22, chegou ao Brasil em 1º de janeiro deste ano, fugindo de ameaças de morte contra toda sua família

Tenho muito sonho daqui. De me formar, de um dia ser estilista, modelista. Mas preciso mais estudar, me formar, trabalhar. Meu pai e minha mãe faleceram há muito tempo

em um acidente de carro e fui criada por meu tio, com quem perdi o contato. Ele também está ameaçado de morte. Sinto falta da minha família, muita falta deles. Não sei se um dia vou reencontrá-los. É muito difícil estar aqui sozinha, porque não tenho emprego. Mas, se você tem emprego, trabalhando tudo vai dar certo. Com o apoio de Deus, tudo vai dar certo.

ZOBAIDA AL HARIRI

12, deixou a Síria aos 8 anos e chegou ao Brasil há 2, com a família; estuda numa escola estadual no Brás em que 55% dos alunos são estrangeiros

Brincava com meus amigos e fui aprendendo o português. Hoje explico para meus pais coisas diferentes que existem aqui, comidas, músicas,

roupas, e ajudo minha mãe nas compras. Gosto de ler livros para aprender mais a língua. Quando não entendo uma palavra, marco e pesquiso na internet. Como uso lenço, às vezes as pessoas me olham com cara brava na rua, outras dão risada, é normal. Eu fico tranquila, uso porque quero. Ainda sinto falta dos meus primos e dos meus amigos da Síria.



Desde 2011, a guerra na **SÍRIA** já deixou mais de 400 mil mortos e 4 milhões de refugiados

“ Ao permitir o acesso de alunos migrantes às escolas, possibilita-se a aproximação de seu núcleo familiar e de convivência com a sociedade

TATIANA CHANG WALDMAN gestora do Núcleo de Pesquisa do Museu da Imigração



Novas imigrações

5 NOVAS QUALIFICAÇÕES

Fatia de imigrantes com diploma universitário supera 30%; falta de política pública, porém, dificulta aproveitamento desses trabalhadores em sua área de formação



Fotos Bruno Santos/Folhapress

RABIA KAFOUZI

33, é formada em literatura inglesa; no Brasil há 3,5 anos com o filho e o marido, montou um serviço de comida árabe

Vemos para o Brasil porque não tínhamos opção. Só o Brasil dava visto para os sírios. Pensamos em ir para Europa, mas era muito perigoso. Não vou para o mar com meu filho, não consigo fazer isso.

Eu não sabia nada sobre o Brasil, não tinha parentes, nem amigos aqui. Mas quando estávamos na Jordânia, um amigo nos disse: "Agora o Brasil abraça todos os imigrantes da Síria". Decidimos vir para cá. Foi muito fácil tirar o visto, levou só uma semana.

Em Damasco, me formei em literatura inglesa e trabalhava como gerente administrativa. Meu marido, Wassam, é engenheiro eletrônico. Na Síria, tinha tudo: família, amigos, minha vida feliz, casa, carro.

Mas a guerra piorou, era muito perigoso continuar morando lá. Nós perdemos muitos parentes na Síria.

Primeiro fomos para o Egito com o resto da minha família, depois para a Jordânia, onde meu filho, Ryan, nasceu. Mas estava muito difícil conseguir trabalho e decidimos vir para o Brasil. Quando chegamos, foi difícil alugar uma casa, sem documentos, fiador ou carteira de trabalho.

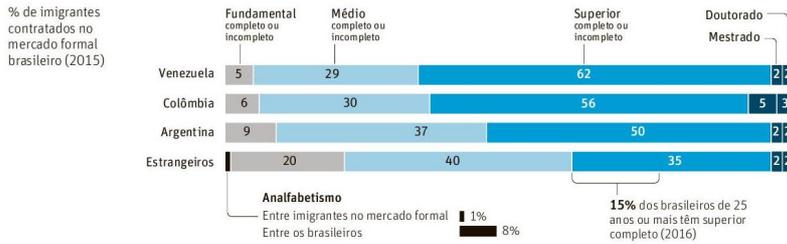
Meu marido trabalha em uma escola de inglês. Tentei arrumar emprego na minha área, mas não consegui. Precisava de mais tempo para meu filho. Meu foco na vida é Ryan. Ele me deu fé para continuar, é um presente na minha vida.

Demorou muito tempo para me adaptar aqui. Você não imagina como é difícil perder tudo e começar a vida do zero. Mas não penso em voltar para a Síria, pelo menos não agora. Tenho meu próprio negócio. Faço comida síria, atendo pelo WhatsApp. Charuto de uva, esfiha, doces.

Minha empresa se chama liwan. Sabe o que significa? Em Damasco, as casas antigas têm um salão grande, onde toda família se reúne na hora da refeição, para conversar e comer. É o liwan. Sinto muita falta de juntar minha família e meus amigos para comermos todos juntos.

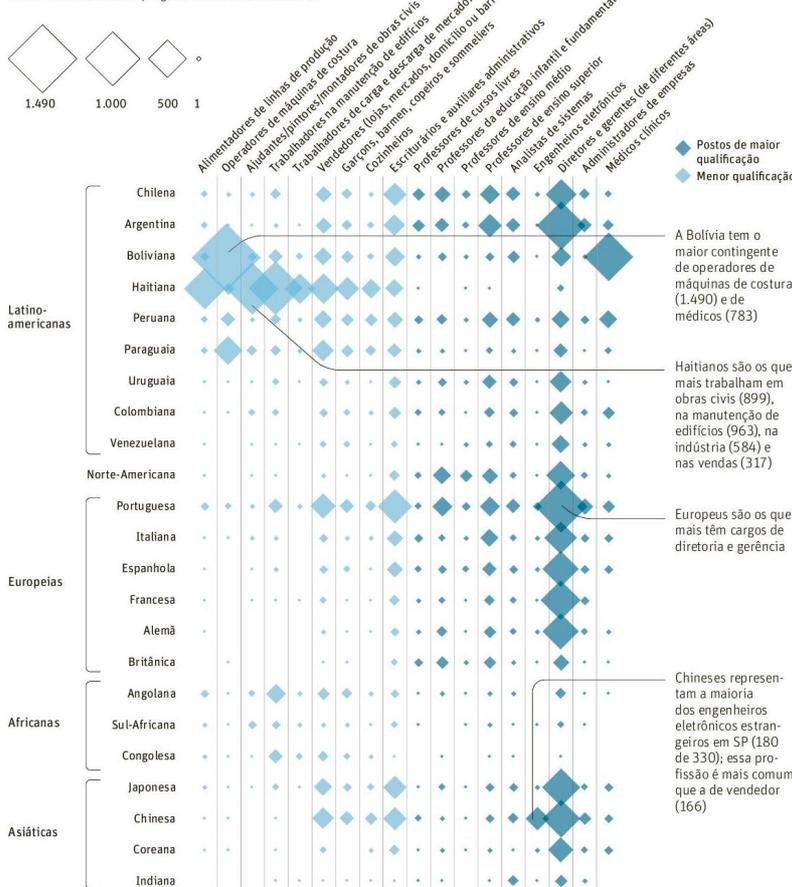
MAIS ESCOLARIDADE

Estrangeiros (sobretudo latinos) têm média de escolaridade superior à dos brasileiros



PRINCIPAIS PROFISSÕES DOS ESTRANGEIROS NO ESTADO DE SP

Número de vínculos empregatícios ativos em dez.2016*



“ A política pública brasileira de imigração até agora foi cartorial, de vistos, de dar documentos, ou no máximo a primeira acolhida. Toda a dimensão de inserção na sociedade, de preparar as escolas, a visão intercultural ainda não existiu

PADRE PAOLO PARISE da Missão Paz (Pastoral do Imigrante)

“ O tripé do acolhimento é a documentação, a língua e o emprego. Com isso, o imigrante segue sozinho. Na política brasileira, não há uma linha sobre língua e emprego. Sem política, não há ações nem recursos definidos, e a questão migratória vira uma crise

FLORIANO PESARO então secretário estadual de Desenvolvimento Social de São Paulo



MÁRIO LARA

40, guatemalteco, é graduado pela Universidade Estadual de Michigan, fez mestrado na Universidade de Illinois e MBA em Harvard. Está no Brasil como CFO (principal executivo financeiro) da agência de publicidade MullenLowe para a América Latina

Tive o privilégio de viajar por muitas partes do mundo e reparei que minha paixão é a América Latina. Quero criar minha família e continuar minha carreira aqui. Cheguei em plena recessão, com visto de trabalho permanente. No aeroporto, o atendente me disse: "Nossa, faz tempo que não vejo um desses vistos com alguém entrando". Vi grandes oportunidades de transformar a indústria de publicidade e a empresa onde trabalho. Pensava que, se eu fizesse um bom trabalho no Brasil, faria em qualquer lugar do mundo. Profissionais latinos nem sempre têm oportunidades em seus países como as daqui. E há bolhas onde você se sente seguro, ao menos em São Paulo. Isso me incomoda, pois sou de um país muito pobre, não venho de família rica. Então faço minha parte: sou mentor de adolescentes numa escola de baixa renda. Dá significado à vida.



Após guerra civil que durou de 1960 a 1996, a GUATEMALA tem o 114º PIB per capita do mundo (em paridade de poder de compra) entre 185 países